

FEITURA DE SANTO

uma narrativa artística e foto-etnográfica de uma iniciação
no candomblé

Larissa Yelena Carvalho Fontes

Mestranda em Antropologia
Universidade Federal da Bahia
Bolsista CAPES

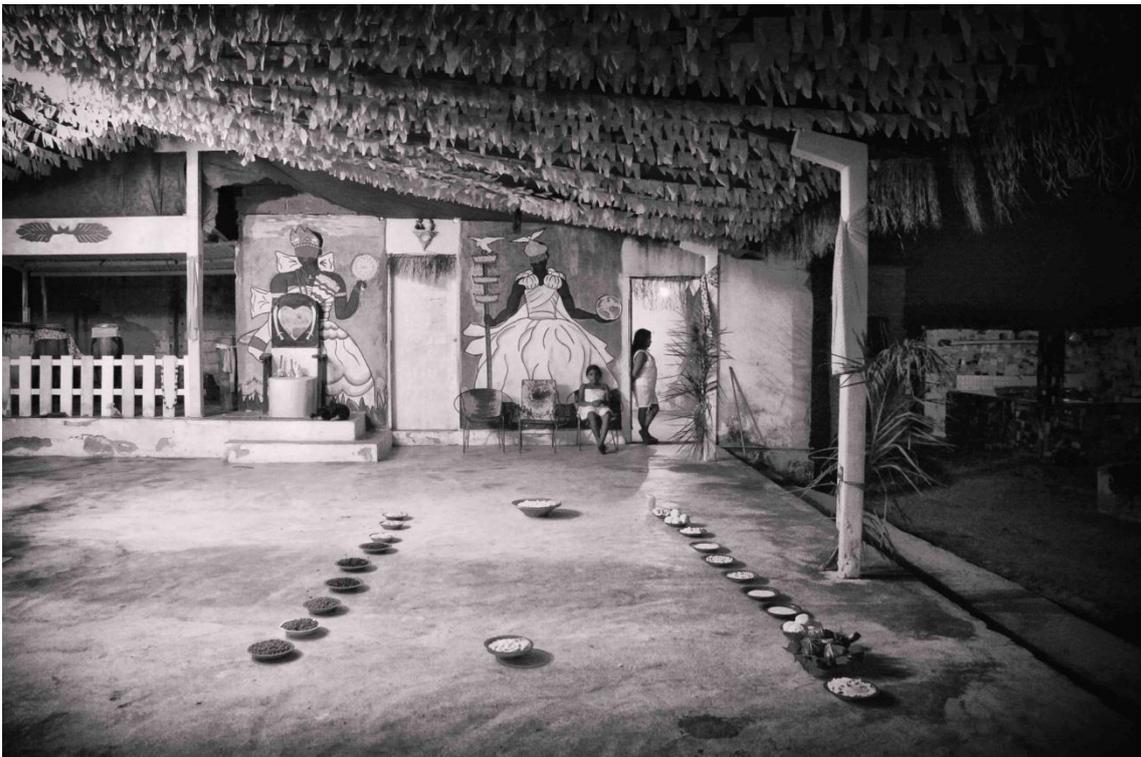
Este trabalho é originalmente composto por 50 fotos e resultado de uma pesquisa de mais de um ano de duração. Trata-se do registro de um ritual de iniciação em um terreiro de Candomblé auto identificado como de nação *Angola-Jeje-Mahim-Vodun-Daomé*, situado em Maceió, Alagoas.

O ritual de iniciação no candomblé, denominado *Feitura de Santo*, é um ritual secreto, inacessível a não adeptos e, em alguns casos, somente permitido a indivíduos situados em escalas mais altas da hierarquia religiosa da casa - ou seja, em funções sacerdotais auxiliares à do iniciador; somente pessoas que possuem cargos na religião participam. É o rito mais importante da vida candomblecista e sobre ele incide o maior grau de segredo ritual.

Minha aproximação com a Casa se deu de forma paulatina, visto que não sou adepta da religião. O primeiro contato foi em 2010, a partir de quando passei a frequentar o terreiro nas festas públicas e realizar entrevistas informais. Foi-se criando familiaridade com a comunidade, de modo que, quando apresentei a proposta já havia sido construída uma relação de confiança mútua e me foi dada a primeira permissão. Apenas a “primeira”, pois ela só seria de todo confirmada após o jogo de búzios que revelaria a permissão maior: a dos orixás.

Durante o ritual, que dura cerca de 21 dias, visitei a casa regularmente, ao menos duas vezes por semana, para acompanhar e registrar o processo. Todo o trabalho foi fotografado com uma objetiva 50mm por conta da abertura do diafragma (f/1.8), que permitia uma maior captação de luz, já que a maioria das cerimônias acontecia em locais fechados ou em horários em que já não havia mais luz natural. A escolha pela posterior edição em preto-e-branco foi feita pela força das cenas retratadas. Além de amenizar o impacto das fotos e dar um toque de sutileza, a edição em p&b, neste ensaio, aproxima a percepção da beleza do ritual e transporta o espectador para mais perto da imagem. Proporciona, assim, o mergulho necessário para se deixar afetar pelas fotografias sem se prender ao caráter de “tabu” do tema.

Dito isto, convido o espectador a, como eu, se afetar pela beleza e pela potência do nascimento de uma iaô, aquela que nasce para servir e ser morada de seu orixá.



311

Entrada



312

Bori



313

Bori



314

Raspagem



Raspagem

315



Ababaxé



316

Ababaxé



317

Ababaxé



318

Ababaxé



Sáida

319

comentário

O SEGREDO E O SAGRADO

Etienne Samain

Professor de Antropologia

Universidade Estadual de Campinas

Procurei olhar atentamente essas 10 fotografias tomadas e *escolhidas* entre muitas outras e, depois, organizadas e *montadas* por Larissa Yelena

Carvalho Pontes. Elas são belas, muito belas e, antropológicamente falando, densas.

Parei longamente sobre a primeira intitulada “Entrada”, pois ela é, na verdade, um convite discreto, dirigido pela autora a um observador não apressado, para olhar com muita atenção o espaço no qual “algo vai acontecer” (*). Essa imagem situa com requinte de detalhes o que o título (comprido demais) e a apresentação textual (correta) procuram dar ao ensaio sobre um “Ritual de Iniciação no Candomblé” e, mais precisamente, sobre o ritual secreto da *Feitura de Santo*: rito de passagem, de purificação e de transformação de si para incorporar seu orixá individual.

Deixei-me levar por um fio condutor que perpassa o trabalho: as penas, os cabelos, a penugem, mas é, decerto, a escolha das tiragens em preto branco que conseguiu dar ao ensaio uma intensidade que nunca cai no apelativo, no espetacular, no mero documentário.

Larissa, com muito respeito, soube entrar na esfera de um *segredo* e no espaço do *sagrado*.

Suas fotografias sabem falar do recolhimento, do abandono de si, da purificação pelo sangue, da serenidade e da dignidade humana, sem artifícios visuais.

São imagens fortes, precisas tanto como criativas. Elas não nos revelam apenas atos e fatos de uma realidade vivida; elas conseguem nos interpelar e nos questionar. É nesse sentido que elas são de uma rara qualidade: ao mesmo tempo antropológica, artística e humana.

(*) Eis algumas das minhas anotações:

Um amplo espaço, quase deserto e silencioso. Duas figuras femininas aguardam. Uma sentada, outra apoiada na moldura de uma porta invisível.

No chão, 21 pratos redondos ficam dispostos como para um grande jantar, um banquete que vai acontecer. Comida dos homens e oferendas aos orixás.

Na parte esquerda da foto, sobre um modesto palco, quatro tambores “vestidos” estão prontos para vibrar. Ao lado, um trono ainda vazio e, no assento, dois sininhos, Embaixo, um cachorro que repousa.

Foi mais tarde que me deparei com as duas grandes figuras (e seus adornos distintos), pintadas sobre o muro do fundo. Entre as duas efigias, o espaço - talvez - de uma porta que existiu e desapareceu.

O teto é por inteiro entrelaçado com guirlandas. Será uma celebração, uma festa.

Tudo está pronto. Algo vai acontecer.